


A black and white photograph of cherry blossoms in full bloom, scattered across a rough, textured wall. The flowers are in various stages of opening, with some showing prominent stamens. The wall has a mottled, aged appearance with some darker patches. The overall mood is serene and contemplative.

Contos de amar e sofrer

Bianca Sampaio

 VISEU

Editor

Thiago Regina

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Jade Coelho

Copidesque

Renata Silvestre

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sampaio, Bianca

Contos de amar e sofrer / Bianca Sampaio – Maringá : Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-544-4

1. Contos 2. Literatura brasileira

I. Sampaio, Bianca II. Título.

82-3

CDD-869.1

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Contos: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

LEMBRANÇAS DE VENEZA

João Guilherme estava de volta ao Brasil após cinco anos morando sem endereço fixo na Europa. Ficava alguns meses em alguma cidade prestando serviços de consultoria e quando começava a descobrir qual era o melhor mercadinho, o melhor doce naquela travessa escondida, já estava na hora de se mudar novamente. Até que ele aproveitou bastante essa vida agitada, mas agora, tudo o que ele queria era poder comprar uma máquina de café expresso e um fogão invocado em aço escovado para poder dar uma de chef e entreter os amigos. Ter um molho de chaves com chaveiro e não apenas cartões de quartos de hotel. Será que ainda teria amigos?

A noite estava perfeita. O clima estava ameno, a lua cheia... aquele tipo de noite que ninguém acha que algo pode dar errado. João Guilherme estava empolgadíssimo, pois neste jantar de noivado do irmão, reencontraria a maioria dos amigos e familiares que não via há tanto tempo.

Quando chegou, foi aquela festa: parecia até que o jantar era em homenagem a ele, o garoto bonito e brilhante que retornava finalmente à casa. Todas as atenções e interesses orbitavam em torno dele. Até que Luis Felipe chegou com a noiva, Maria Luiza. Rever Luis Felipe seria emocionante! O irmão mais próximo e querido do “quarteto do terror”, como os quatro irmãos costumavam se intitular. “Crianças ativas e espertas”, sua mãe costumava dizer, defendendo-os de adjetivos mais pejorativos.

Do namoro ao noivado foi um passo. Mas os novos tempos são assim mesmo: “A vida é um foguete e não vou

esperar virar estrela para me arrepende do que não fiz”, comentava o noivo. Quando viu Maria Luiza se aproximando, o coração de João Guilherme parou por um instante. Sua mente parou por um instante. Veio de volta toda a história maluca de Veneza em sua cabeça. “Não acredito, é a Malu! A divertida, descontraída, linda e sensual Malu é a elegante Maria Luiza!”. Guilherme não era muito ligado em redes sociais. Maria Luiza era discretíssima e nunca postava fotos. Eles nunca chegaram a se reencontrar nem no mundo virtual.

Todo o tórrido romance que eles viveram, de uma maneira tão informal, tão sem compromisso, até porque tinha data pra acabar, agora tinha virado um pesadelo. O que deveria falar para ela? “Muito prazer, João Guilherme” ou “Lembra-se quanto prazer?”. Seria melhor inventar alguma história menos picante que a original, que se conheceram e... e... bem, nada vinha na cabeça além dos momentos caminhando abraçados, rindo sob o efeito de maravilhosos vinhos em jantares com candelabros por todos os lados. Só se lembrava das noites que passavam em claro para que nenhum segundo fosse desperdiçado. Só dormiam quando a exaustão dava seu golpe.

Uma semana. Foi só isso. Uma semana. Será que por tão pouco tempo valeria a pena contar a verdade e criar tamanho mal estar? Magoar seu irmão, talvez destruir um noivado, uma futura família, uma futura vida, por causa de uma semaninha? Só que foi a melhor, a mais importante semana da sua vida!

- Gui, esta é a famosa Maria Luisa! Fala a verdade, não exagerarei na descrição, né?

- De jeito nenhum! - falou meio sem graça.

Ele olhou bem fundo dos olhos brilhantes de Maria Luiza. Achou que encontraria neles a resposta. O que fazer? Será que ela tomaria a iniciativa de dizer que já se conheciam? Nenhuma palavra.

O jantar seguiu e João Guilherme visivelmente perdeu o brilho do início. Maria Luiza tinha a desculpa de ser nova na família para ficar tão calada. “Deve ser tímida, a moça” - pensavam. A situação dela era tão difícil quanto a dele. Como deixar o irmão começar uma história com uma mentira dessas? Ou melhor, com uma omissão dessas... Se isso um dia vier à tona será muito pior. Mas talvez para ela, não tenha significado tanto quanto para ele. O que para ele foi uma história de amor tão forte e poderosa, para ela pode ter sido apenas mais uma aventura. E por que mesmo ele não ficou com ela? Por que não largou tudo e voltou com ela para o Brasil? O que na época parecia só mais uma paixão, com o tempo mostrou-se um raro encontro de amor e João Guilherme teve a consciência que nunca sentiria de novo a mesma emoção por alguém.

E agora ela estava lá. Reluzente e ainda mais bela que antes.

João Guilherme permaneceu em silêncio. Um silêncio muito maior que o silêncio das palavras. Sua alma se calou. Por heroísmo ou por pura covardia.

BORBOLETAS

Aninha era sexy. Naturalmente sexy. Exalava sensualidade em cada movimento. Era do tipo que todos viravam a cabeça pra olhar, até as mulheres! Também, com um corpo daqueles, ela não achava certo esconder. E mostrava: shorts curtinhos, decotes poderosos, saias esvoaçantemente curtas. Ela amava provocar! Passava um batom vermelho e “sem querer” mexia nos cabelos de forma que a tattoo de estrela que tinha na nuca enlouquecesse os homens!

E fazia selfies, muitos deles! De frente, de costas, de detalhes picantes ou do conjunto da obra. Ela vivia se fotografando. O Carlos enlouqueceu de desejo por aquela mulher! Ela tinha que ser dele de qualquer forma!

Quanto mais ele corria atrás, mais ela escapava, e mais ele queria! Mas ele era insistente. Tanto fez, que conseguiu sair com a Aninha! E foi incrível. O desejo que ele sentia por ela, a deixava ainda mais sensual. E um alimentava o outro: desejo e sensualidade.

Com o tempo e muitas investidas do Carlos, eles começaram a namorar. E não demorou pro Carlos implicar com o tamanho da saia da Aninha, com a cor do batom dela, com as amigas e claro, com a exposição dela nas redes sociais.

A Aninha batia o pé no começo, mas às vezes, pra não arrumar briga, já saía de casa com uma saia mais comprida, uma blusinha mais fechada e até mesmo com um batom cor de boca! Tudo pra não arrumar encrenca e viver em paz com o namorado.

As amigas já não reconheciam a Aninha: estava sempre

discreta, ria mais baixo, parou de postar nas redes sociais. Ela estava realmente apaixonada por Carlos e só pensava em agradá-lo.

Mas pensam que ele dava valor? Nunca era o suficiente! Ela estava sempre parecendo “mulher da vida”, segundo ele. E ela ia murchando mais a cada dia.

Até que um dia sem querer, enquanto Carlos estava no banho, ela ouviu um barulho de mensagem no celular dele e deu uma olhada. Era de mulher. Não resistiu e leu. Conversa suspeita: cheia de corações e florzinhas. Pesquisou a menina, claramente uma vadia: usava umas saias suuper de perigete! E os decotes da tal? Ela era sem noção e usava um batonzão vermelho de quem estava pedindo. Pois é, a menina parecia com ela mesma. Como já foi um dia.

Quando confrontou o Carlos, ele admitiu: estava apaixonado e terminou tudo com Aninha na mesma hora. Disse que não sentia mais nada por ela.

Alguns dias depois, ela viu a foto dos pombinhos nas redes e com o tempo, aquela “vadia” foi encompridando a saia e tirando o batom também.

Ela era só mais uma borboleta que ele só gostava enquanto era selvagem e livre. Em breve, ela também estaria morta, presa num quadro.